

**FACULDADES INTEGRADAS
“ANTÔNIO EUFRÁSIO DE TOLEDO”**

FACULDADE DE DIREITO DE PRESIDENTE PRUDENTE

**MENORES INFRATORES EM UMA CIDADE DE BAIXA
DENSIDADE DEMOGRÁFICA: CAUSAS x RESILIÊNCIA**

Ellen Caroline da Silva Ribeiro

Presidente Prudente/SP

2004

**FACULDADES INTEGRADAS
“ANTÔNIO EUFRÁSIO DE TOLEDO”**

FACULDADE DE DIREITO DE PRESIDENTE PRUDENTE

**MENORES INFRATORES EM UMA CIDADE DE BAIXA
DENSIDADE DEMOGRÁFICA: CAUSAS x RESILIÊNCIA**

Ellen Caroline da Silva Ribeiro

Monografia apresentada como requisito parcial de Conclusão de Curso para obtenção do Grau de Bacharel em Direito, sob orientação do Prof. José Hamilton do Amaral.

Presidente Prudente/SP

2004

MENORES INFRATORES EM UMA CIDADE DE BAIXA DENSIDADE DEMOGRÁFICA: CAUSAS x RESILIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Direito.

José Hamilton do Amaral
Orientador

Simone Cristina Akemi Haga
Examinadora

Vanderlei Dias Júnior
Examinador

Presidente Prudente, 24 de novembro de 2004.

Na grande maioria das vezes, os problemas que aos olhos dos insensíveis parecem impossíveis de serem resolvidos, são os que demandam menores esforços das pessoas realmente interessadas em resolvê-los.

Ellen Caroline da Silva Ribeiro

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado o dom da vida, saúde, disposição e competência para a realização do presente trabalho.

À minha mãe, que em tantos momentos deixou de lado seus próprios objetivos para que eu pudesse cursar minha faculdade da melhor forma, dando-me a certeza de que eu tinha escolhido o caminho correto.

A meu pai, que sempre me auxiliou, e que me incentivou a superar cada novo obstáculo, indicando-me a melhor forma de agir.

À minha irmã, que mesmo sem saber, me auxiliou a realizar meus objetivos, privando-se do início de sua carreira universitária para que eu pudesse concluir a faculdade.

A meus avós, que a cada dia, com doçura nos olhos, demonstraram apoio incondicional, ensinando-me a ter paciência nos momentos mais difíceis.

Ao meu amado namorado, que esteve ao meu lado a cada momento, e que jamais deixou que o desânimo tomasse conta de mim, lembrando-me que por mais difícil que seja uma situação, eu posso resolvê-la.

Aos meus verdadeiros amigos, que confiaram em meu potencial, fornecendo-me apoio e comemorando cada vitória nestes cinco anos.

Ao Dr. José Hamilton do Amaral, que sempre me estimulou a realizar da melhor forma possível o estudo proposto.

Obrigada por estarem presentes em minha vida.

RESUMO

O presente trabalho visa constatar quais as efetivas causas influenciadoras no comportamento de jovens que, embora residam em cidades onde há um baixo índice de densidade demográfica, e que não têm efetivo contato com condutas delituosas (a não ser através dos meios de comunicação, ou de alguns raros casos que acontecem nas cidades onde moram), e que passam a cometer delitos. Isto, levando em conta o fato de que algumas pessoas, embora passem por situações difíceis, não se deixam abater, e transformam cada dificuldade em um estímulo, para que consigam abastecer-se de forças e esperança, superando cada obstáculo e vivendo cada dia da melhor forma possível.

ABSTRACT

This achievement have like object ascertain that wich are the really influenced reason in the young's behavior that, however live in the cities where there is a low index of the population, and that don't have a really contact with crimine offense behavior (except through communication means, or some rare cases in the your cities), and they commit criminal offense. This considering that some persons, however to travese by difficult situations, don't depress themselves, and change each difficult in incentive, to that they obtain supply themselves of energy and hope, overcoming each obstacle and living each day the better by no means possible.

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	8
<i>CAPÍTULO I</i>	12
<i>APRESENTAÇÃO</i>	12
<i>CAPÍTULO II</i>	15
<i>A Resiliência: fator positivo de influência sobre os jovens</i>	15
Seção 1 - Etimologia do vocábulo	15
Seção 2 - O que é a resiliência?	17
Seção 3 - Como ser um resiliente?	19
Seção 4 - O que são fatores de risco e fatores protetores?	23
Seção 5 - A resiliência e a violência: fatores contrapostos de influência?	25
Seção 6 - Resiliência: atributo individual ou coletivo?	29
Seção 7 - Algumas questões finais a serem consideradas:	31
<i>CAPÍTULO III</i>	33
<i>Causas que influenciam no comportamento dos jovens</i>	33
Seção 1 - GENÉTICA	33
Seção 2 - FAMÍLIA	34
Seção 3 - ESCOLA	38
Seção 4 - FAMÍLIA x ESCOLA	41
Seção 5 - MÍDIA	42
Seção 6 - AMIGOS	45
Seção 7 - INSITUIÇÕES ASSISTENCIAIS	48
Seção 8 - RELIGIÃO	52
<i>CONCLUSÃO</i>	56
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	57

INTRODUÇÃO

Atualmente, a vida em sociedade se apresenta como uma verdadeira incógnita. De um lado, para aqueles que lutam diariamente para auferir o sustento da família e que deparam-se, não raras vezes, com inúmeros obstáculos, resultantes de dificuldades financeiras.

De outra banda, melhor sorte não resta às pessoas que da mesma forma trabalham, com o mesmo escopo, e que além das limitações patrimoniais, se vêem obrigadas a superar o medo, reflexo de uma crescente violência geradora de milhares de incertezas, dentre as quais a de voltar para o seio familiar após um dia de trabalho.

Tendo em vista estes aspectos inerentes aos tempos modernos, e considerando esta nova mentalidade que parece mudar o comportamento social, passamos a nos questionar sobre quais as efetivas razões que poderiam levar tantos indivíduos a pensar e agir de modo tão diverso dos pensamentos e atitudes de um convívio social existente em tempos não muito distantes dos dias de hoje.

Salta aos olhos que mesmo em pequenas cidades onde a paz e a tranqüilidade ainda são facilmente constatáveis, o número de delitos vem sofrendo um considerável acréscimo, levando o medo e a insegurança às pessoas que ali residem, haja vista estarem elas habituadas a presenciar com mais freqüência tais acontecimentos nas páginas de jornal ou noticiários de televisão; ou seja, num universo distante da sua realidade.

Como se não bastassem todos estes fatores, um outro aspecto deve ser salientado: uma grande parte dos delitos praticados nestes pequenos centros urbanos têm tido jovens como autores.

Em nosso país, e principalmente falando, em pequenos centros demográficos, onde a concentração de pessoas é inferior à de grandes pólos urbanos, existem hoje milhares de adolescentes que, malgrado tenham nascido nestes pequenos centros urbanos e jamais tenham saído dali, passam a cometer pequenas infrações. Após um maior transcurso de lapso temporal, passam eles a praticar alguns delitos, e não raras vezes tornam-se capazes de atentar contra a vida dos próprios moradores daquela cidade.

Diante deste cenário, novamente emerge uma dúvida: porque existem adolescentes que, embora tenham nascido e crescido na mesma cidade, e malgrado seja esta um local pequeno e com limitado número de moradores (que oferece condições normais concernentes aos campos social, escolar, profissional e familiar), tendem a desvirtuar estas possibilidades, e ao invés de buscar um futuro digno, dedicam-se à prática delituosa, quando no mais das vezes tornam-se os grandes responsáveis e causadores do medo e da insegurança, incutidos diariamente no íterim social?

De um modo mais simples, equivaleria a indagar qual a verdadeira razão de adolescentes que nascem e crescem em cidades pacatas se tornarem criminosos; teria a população desta cidade, representada pela família, escola, amigos e sociedade em si, com seus costumes, comportamentos e ideologias, alguma responsabilidade na formação deste perfil criminológico?

Ora, se analisarmos do ponto de vista psicológico, torna-se evidente que todo o ciclo de vida do ser humano (desde o seu nascimento) pode interferir e desencadear a delinqüência, desde que este ciclo ocorra de forma anormal, ou seja, sofra alguma alteração, cuja caracterização normalmente não ocorreria.

Mesmo porque as características nocivas da personalidade resultam de toda a vivência do indivíduo, e na sua maioria, tais caracteres foram desenvolvidos nos primeiros anos de sua existência.

Daí se deduz que, ao atingir a adolescência, as pessoas com personalidades e comportamentos desajustados têm maior tendência à criminalidade, talvez por ser a adolescência um estado passageiro do ciclo vital, onde as vivências experimentadas até então são mais facilmente afloradas em razão de questões hormonais e emocionais.

Ademais, não se olvide que a adolescência apresenta um início, meio e fim. Seu início é marcado pela puberdade, momento a partir do qual o jovem começa a experimentar uma série de transformações físicas e psicológicas, que podem ou não ser por ele bem aceitas. Seu final, por sua vez, ocorre em torno dos dezoito ou dezenove anos, quando o desequilíbrio experimentado pelo adolescente dá lugar ao início de uma estabilidade emocional.

É sabido que a passagem pela adolescência pode se dar de forma tranqüila (ou não), o que depende da contribuição positiva ou negativa de vários fatores, dentre os quais podemos citar a título de exemplo: método educativo, condições domésticas, histórico psicopatológico dos genitores e fatores neurobiológicos do adolescente, entre outros.

De se ressaltar, por oportuno, que a ocorrência de sintomas anti-sociais pode surgir com freqüência em jovens, o que demonstra que não foi obtido por ele o equilíbrio desejável. Porém, este fato não traduz, necessariamente, um quadro de transtorno mental; mas, mesmo assim, poderá ele delinqüir.

Assim, é possível fazer-se uma cognição lógica: a própria sociedade onde nascem e crescem pode ser detentora de responsabilidade sobre tais fatos, questão esta que, após a conclusão deste trabalho, será comprovada (ou não!).

Não poderia deixar de mencionar, na introdução do presente trabalho, um termo recente, e que será de grande valia para este estudo, representado pela **resiliência**.

Mas, o que significaria tal palavra? A psiquiatria e a psicologia são as ciências que nos emprestam o conceito. Tal fenômeno deve ser entendido como a capacidade existente nos indivíduos de, embora submetidos à violência de outras pessoas, às catástrofes da natureza, bem como a quaisquer outras adversidades, conseguirem se recuperar dos traumas sofridos, resistirem às dificuldades, se sair bem na vida, e acima de tudo, utilizar as experiências negativas de forma positiva em seu processo de desenvolvimento pessoal. Ou seja, é a capacidade que estas pessoas têm de não se deixar afetar, captando as forças negativas e utilizando-as de forma positiva.

E este aspecto será de inegável importância para o presente estudo, uma vez que a abordagem a se realizar recairá sobre as duas vertentes até aqui mencionadas, quais sejam: de um lado, a possível contribuição da sociedade na formação do perfil criminológico de adolescentes infratores em cidades de baixa densidade demográfica; de outra banda, e por via reflexa, a incidência e a importância da caracterização da resiliência nas pessoas, que embora sofram situações negativas, não se deixam influenciar, e continuam imunes a tais experiências.

CAPÍTULO I

APRESENTAÇÃO

Descrição da atual situação do Brasil:

Nosso país apresenta mais de cento e setenta milhões de habitantes, vivendo em uma área territorial de cerca de 8.511.996 (oito milhões, quinhentos e onze mil e novecentos e noventa e seis) quilômetros quadrados, sendo o 5º país do mundo em superfície, ficando após a Rússia, Canadá, China e Estados Unidos. Se considerarmos apenas o fator “terras contínuas”, coloca-se em quarto lugar, superando os Estados Unidos.

O Brasil caracteriza-se como um território onde inexistem áreas de difícil ocupação humana ou inabitáveis, como geleiras, altas montanhas e desertos, o que o coloca em posição privilegiada, se comparado a outros países de grande extensão territorial.

Todavia, malgrado os aspectos físicos e geográficos sejam favoráveis à população que o habita, o aspecto social e a questão da divisão de rendas não conferem a mesma favorabilidade aos brasileiros.

Salta aos olhos que a nossa pátria enfrenta dificuldades financeiras e sociais desde o seu descobrimento, ocasião em que os portugueses limitavam-se a somente extrair as riquezas que aqui encontravam (e que, ressalte-se, não eram poucas) à fim de enriquecer seu próprio país, sem se preocupar, um minuto sequer, com os desastrosos resultados a ser experimentados futuramente pela população brasileira.

E os resultados desfavoráveis ao Brasil não deixaram de ocorrer, e refletem ainda hoje na organização do país, que não conseguiu livrar-se de modo absoluto dos resquícios de sua caracterização como mera colônia.

É sabido que atualmente nosso país enfrenta uma grave instabilidade econômica e financeira, o que ocasiona uma gritante desproporção na divisão de rendas.

Milhões de brasileiros tentam sobreviver com um salário mínimo por mês, com o qual têm de comprar alimentos, roupas, calçados, material escolar, remédios... para si e para os filhos, e além disso, pagar as contas de água, luz e aluguel.

De outra banda, poucos grupos sociais vivem com salários exorbitantes, em casas luxuosas e veículos importados, num padrão de vida altíssimo, realizando viagens periódicas ao exterior, situações que, não raras vezes, se realizam com o custeio dos cofres públicos.

Todos estes aspectos fazem com que exista uma enorme tendência no sentido de aumentarem as diferenças sócio-econômicas entre as pessoas que aqui residem, o que, por conseguinte, gera insatisfação com o padrão de vida alcançado pelas camadas inferiores da população, facilitando a realização de delitos (principalmente patrimoniais) em virtude, justamente, desta carência material, sendo que a maior e mais gritante preocupação, atualmente, concerne a encontrar meios satisfatórios de se diminuir e prevenir a fome, o desemprego, e acima de tudo, a violência.

Este último aspecto citado supra merece destaque, pois é com muita freqüência que vemos atos violentos serem destaque em jornais e programas de televisão.

O crime organizado no Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, é o mais triste e claro exemplo, que se evidencia a cada dia, trazendo insegurança e medo não só aos lares cariocas, mas a todo o país.

No Estado de São Paulo, a situação não se perfaz de modo diverso; em geral, e no restante do território nacional, a violência caminha na mesma toada.

Nesta seara, importante se faz salientar que o interesse para a realização do presente estudo adveio justamente da preocupação e da necessidade em buscar entender os motivos de tais situações, à fim de que se possa, talvez, contribuir na prevenção e repressão de tais condutas, uma vez que após se conhecer a raiz do problema, pode-se resolvê-lo mais facilmente.

Não se olvide que a questão a ser estudada e enfocada diz respeito aos motivos que levam adolescentes que nunca saíram das pequenas cidades onde residem, a cometer delitos, embora não tenham qualquer contato efetivo com o mundo do crime (a não ser por via indireta – mídia, ou através de uns casos isolados que acompanham de perto e que causam espanto em toda a população daquela cidade, posto que raros).

Tais questões possuem estreitos vínculos com o assunto abordado até aqui, uma vez que a co-relação existente entre a vasta violência praticada em centros urbanos não se apresenta de forma diferente daquela praticada isoladamente em pequenos centros demográficos.

Mesmo porque, embora cada tipo de agressão tenha seus caracteres próprios, pode-se deduzir que os motivos que levam à sua ocorrência, em linhas gerais, são os mesmos.

CAPÍTULO II

A Resiliência: fator positivo de influência sobre os jovens

O conceito de resiliência, no Brasil, ainda não foi muito difundido em pesquisas acadêmicas. Todavia, merece especial atenção, haja vista a sua extrema importância para as áreas relacionadas às ciências humanas, especialmente da educação, conforme veremos no transcurso deste capítulo.

Seção 1 - Etimologia do vocábulo

Do latim, o termo “resiliens” significa voltar, saltar para trás, recuar, ser impelido, encolher-se.

Na língua inglesa, “resilient” remete à noção de elasticidade e capacidade rápida de recuperação. Tanto é, que o próprio dicionário da língua inglesa traz duas acepções para o termo, sendo que a *primeira* se refere à habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito após enfrentar qualquer adversidade; a *segunda*, por sua vez, respeita à idéia de habilidade de uma substância em retornar à sua forma inicial quando a pressão sobre ela exercida deixa de atuar.

Em português, o dicionário *Novo Aurélio* menciona o seguinte:

[Do ingl. resilience.].

S. f.

1. Fís. Propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica.

2. Fig. Resistência ao choque.

Destarte, vislumbra-se de modo clarividente que a referência é feita somente à resiliência de materiais.

No entanto, verificamos que em outro dicionário da língua portuguesa, *Houaiss* 2001, há explicitação do verbete tanto no *sentido físico*, concernente à propriedade que alguns corpos têm de retornar à sua forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica, como no sentido figurado, que respeita a elementos humanos, relacionados à capacidade de se recuperarem, ou ao menos de se adaptar às infelicidades ou infortúnios a que são submetidos.

Não se pode deixar de mencionar, deste modo, que na física o termo resiliência relaciona-se a uma força de recuperação, na medida em que uma barra submetida a forças de distensão até o seu limite de extensão máximo, volta ao seu estado inicial quando deixa de sofrer a atuação destas forças.

Nesta seara, a resiliência dos materiais é medida através de fórmulas matemáticas. Mas, quando tratar-se de seres humanos, como operar?

Estudiosos esclarecem que o estudo deste fenômeno é recente, e que somente na última década é que os congressos internacionais têm discutido este tema, não encontrando, porém, uma definição clara e precisa para isto, como ocorre na física.

Todavia, os fatores e as variáveis que devem ser levados em conta no estudo dos fenômenos humanos são complexos, e dizem respeito ao estresse, bem como às adversidades enfrentadas pelas pessoas, ambos considerados em contrapartida aos resultados finais de adaptação e ajustamento do indivíduo a cada situação pela qual ele passou.

Deste modo, aqueles que melhor se adaptam às dificuldades, e alcançam bons resultados, são os denominados resilientes, cuja habilidade para reconhecer a dor e superá-la de forma construtiva é muito maior do que aqueles que se deixam influenciar pelas intempéries da vida.

Devemos destacar, por oportuno, que estudiosos do assunto discutem a origem do termo sob duas outras óticas:

a) Médica:

Aqui, a resiliência se consubstancia na capacidade de um sujeito resistir e se recuperar de uma doença, infecção ou intervenção cirúrgica, seja por si próprio ou com o auxílio de medicamentos.

b) Psicológica:

A resiliência, neste contexto, também é uma capacidade que as pessoas têm de, em grupo ou individualmente, resistirem amplamente a situações adversas sem perder o equilíbrio inicial, conseguindo, deste modo, se acomodar, equilibrar e readaptar constantemente.

Infere-se, deste modo, que a origem do termo em apreço encontra diversas ramificações, fato este que o torna ainda mais interessante, possibilitando ao pesquisador buscar a procedência que mais lhe assegura utilidade, dependendo do enfoque a ser dado ao seu trabalho.

Seção 2 - O que é a resiliência?

Referida palavra apresenta inúmeros conceitos, que embora constituídos com dizeres diversos, contêm em seu âmago a mesma significação. Basicamente, serão trazidos à colação aqueles que mais se identificam ao tema proposto:

A resiliência é caracterizada por um conjunto de atitudes adotadas pelo ser humano para resistir aos embates da vida. O termo vem de uma propriedade da física sobre a capacidade que os corpos têm de voltar à sua forma original, depois de submetidos a um esforço intenso. Fazer a simples transposição da física para a psicologia não é possível, porque aplicado aos seres humanos, o conceito se destaca exatamente pela capacidade de o indivíduo dar a volta por cima das situações de risco e voltar transformado, crescendo com a experiência. (CARRARA).

É a capacidade concreta de retornar ao estado natural de excelência, superando situações críticas. A resiliência diz respeito à capacidade das pessoas, das equipes e das organizações, não só de resistirem às adversidades, mas também de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal. (MARTINS).

Resiliência é a capacidade de responder de forma mais consciente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante destes desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante, e mantendo um equilíbrio eficaz durante e após os embates. É um atributo de personalidade que, ativada e desenvolvida, possibilita ao sujeito superar-se e às pressões de seu mundo, desenvolver um autoconceito realista, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente. (BARROS).

Tomado emprestado pela saúde mental, o termo resiliência significa a capacidade que o indivíduo tem de ser imune, se recuperar psicologicamente e sair bem na vida, quando submetido à violência de outros seres humanos ou às catástrofes da natureza. Enquanto a maioria dos indivíduos se torna vítima, adquirindo transtornos do desenvolvimento ou psicológicos na infância, de conduta na adolescência e juventude, e psiquiátricos na vida adulta, outros são resilientes e saem bem na vida. (GRUSPUN).

Resiliência é a habilidade para ressurgir da adversidade, adaptar-se, recuperar-se e participar de uma vida ativa e significativa. (...). Resiliência é a capacidade do ser humano para fazer frente às adversidades da vida, superá-las e, inclusive, ser transformado por elas. (...). Resiliência significa uma combinação de fatores que permite a uma criança, a um ser humano, enfrentar e superar problemas e a adversidade da vida e ser capaz de construir com isso. (...). Resiliência é um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam ter uma vida 'sadia' num ambiente 'insano'. (GRUSPUN).

(...) não se trata de uma espécie de escudo protetor que alguns indivíduos teriam, mas a possibilidade de flexibilidade interna que lhes tornaria possível interagir com êxito, modificando-se de uma forma adaptativa em face dos confrontos adversos com o meio exterior. Assim, a resiliência não seria uma forma de defesa rígida, ou mesmo de contrapressão à situação, mas sim uma forma de manejo das circunstâncias adversas, externas e internas, sempre presentes ao longo do desenvolvimento humano. (PINHEIRO).

Vislumbra-se, deste modo, que muitos conceitos foram criados para designar o que realmente significa o instituto em apreço.

No entanto, conforme já dito anteriormente, pode-se asseverar, em termos amplos, que a resiliência nada mais é do que a capacidade que as pessoas em geral têm de superar as dificuldades por elas enfrentadas, conseguindo transformar as experiências que, para algumas pessoas consistiriam num trauma, em verdadeiras lições de vida, tornando-se pessoas ainda mais conscientes e maduras.

Seção 3 - Como ser um resiliente?

Inicialmente, urge destacar que, como já bem esposado supra, a resiliência é uma capacidade inerente ao ser humano, que o permite transformar comportamentos e fazer as coisas corretamente.

Todas as pessoas trazem dentro de si esta capacidade. Algumas a estimulam sozinhas, superando diversos problemas; outras necessitam de ajuda externa, como da família, instituições religiosas ou médicos.

Portanto, poderíamos dizer que todos podemos ser resilientes, pois há condições e fatores em nossa individualidade que podem transformar circunstâncias desfavoráveis em grandes chances de nos recuperarmos facilmente, deixando as dificuldades para trás e nos tornando pessoas ainda melhores. E no que tange aos jovens, esta possibilidade é ainda mais fácil de ser verificada, como veremos mais adiante.

Toda e qualquer pessoa passou ou passará por algum tipo de dificuldade na vida, seja ela emocional, financeira, afetiva ou profissional (uma vez que não há uma existência humana plenamente feliz e absolutamente protegida das intempéries da vida). E, fator interessante que não poderia deixar de ser lembrado aqui é o fato de que várias personalidades da história mundial, durante algum momento de suas vidas, apresentaram-se como pessoas resilientes.

É o caso, por exemplo, de Maomé, líder religioso, responsável pela fundação do islamismo, que ficou órfão aos seis anos de idade; Bethoven, musicista, compôs parte de seus melhores trabalhos padecendo de surdez; o romancista húngaro, Imre Kertész, sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz, ganhou o prêmio Nobel de literatura; a professora Andréa Salgado, de apenas 33 anos de idade, teve suas duas pernas decepadas na colisão com uma lancha em que passeava numa praia do litoral fluminense; nosso Presidente da República, ex-operário metalúrgico, de origem humilde, cuja infância foi marcada por profundas dificuldades financeiras, e pela ausência paterna.

Ora, estas pessoas demonstram, de modo absoluto, o que é ser de fato uma pessoa resiliente.

Destaquemos o caso da professora: possuía, na época, 33 anos de idade, é casada, mãe de dois filhos, cujas idades ainda não superaram uma década de vida; mesmo com o incidente ocorrido em sua vida, seu comportamento é otimista e determinado; mesmo porque não poderia deixar de viver e abandonar seu marido e seus filhos. A conclusão óbvia é que, como ela não poderia voltar atrás e mudar o que ocorreu, tinha que enfrentar a realidade, dar a volta por cima e continuar vivendo com sua família, dando o devido valor a cada amanhecer, e a cada novo momento de felicidade, por mais insignificante que isto possa parecer. E foi o que ela fez!

Caso parecido é o de nosso Presidente. Mesmo enfrentando incomensuráveis dificuldades financeiras em sua infância, nunca desistiu de lutar por seus ideais, e após muito esforço conseguiu guindar-se ao mais alto cargo que se pode alcançar num país onde vigora a democracia e o sistema presidencialista de governo.

Daí se conclui que a resiliência é uma poderosa ferramenta de autodesenvolvimento, que nos torna capazes de repensar os próprios limites auto-impostos e criar novas possibilidades para potencializar os resultados em nossa vida pessoal, profissional, amorosa, e até mesmo em nosso estado de saúde.

A sociedade atual apresenta mudanças que ocorrem cada vez mais rápido e profundamente, o que exige de cada um de nós absurdos esforços de adaptação, tornando a resiliência, por via reflexa, um desafio do novo milênio.

Os meios de comunicação trazem freqüentemente informes sobre os problemas que acometem as pessoas em geral, consistentes em altos níveis de estresse, ansiedade, depressão, violência, problemas econômicos, familiares, profissionais, de saúde, e que consubstanciam-se em altos níveis de riscos de tornar as pessoas cada vez mais rudes, amargas e sem esperanças de melhorias, justamente em razão do sentimento de impotência, de incapacidade de resolver de modo satisfatório as adversidades a que são submetidas. Os inúmeros desafios e dificuldades que diariamente afrontam as pessoas, a acirrada disputa por colocação pessoal e profissional, o intenso choque entre as escassas probabilidades externas de sucesso e os objetivos visados por elas fazem com que a cada dia busquem se preservar psicologicamente, para reorganizar seu mundo, suas prioridades, seus anseios e suas ações, à fim de não se deixar abater, na expectativa de conquistar aquilo que anseiam, superando os obstáculos da melhor forma possível. Isto exprime o caráter resiliente das pessoas.

Isto ocorre porque, como é sabido, situações difíceis e potencialmente traumáticas provocam crises não só na pessoa, mas também em seu grupo familiar: separação ou morte dos pais, desemprego, doenças graves de pessoas próximas, a vida em uma comunidade violenta, perdas pessoais ou materiais significativas...

Todavia, as pessoas resilientes conseguem “driblar” estas ocorrências e manter sua estrutura psicológica sem qualquer abalo, o que só lhes foi possível devido ao fato de possuírem flexibilidade para instituir novas soluções às dificuldades, além de muita determinação, força e coragem.

Os pesquisadores sobre resiliência asseveram que esta força interior é, em parte, inata, eis que algumas pessoas são mais resilientes do que outras, seja pelo seu temperamento, ou mesmo por herança genética.

Não obstante tais assertivas, é de se asseverar que a resiliência também pode ser desenvolvida durante o transcurso da vida, principalmente durante as duas primeiras décadas de vida do indivíduo, o que irá depender muito da forma de tratamento que receber dos adultos com os quais convive.

É cediço que um indivíduo terá maiores chances de se tornar uma pessoa resiliente se as pessoas que o rodeiam o estimulam a demonstrar suas opiniões e sentimentos, lhe oferecendo apoio incondicional, segurança, e incentivos a se tornar independente e encontrar saídas para os seus problemas.

Deste modo, está sendo fortalecida a sua auto-estima, e as chances de ser um resiliente, e não uma mera vítima, aumentam em muito: ao invés de se sentir rejeitado, traumatizado e derrotado pela vida, o indivíduo se sente mais competente para enfrentar os problemas, e acima de tudo, resolvê-los, sem se deixar abalar.

Destarte, a qualidade do auxílio proporcionado pelos pais ao jovem, e do relacionamento desenvolvido entre eles são fatores de extrema importância para o desenvolvimento da resiliência.

Até mesmo porque a resiliência não é uma qualidade ímpar e extraordinária de apenas um grupo de pessoas; ela é, antes de tudo, o resultado de qualidades comuns que a maioria das pessoas já possui em seu interior, mas que dependem do seguinte: precisam estar corretamente desenvolvidas e articuladas, haja vista a possibilidade de, como já dito anteriormente, ser a resiliência “conquistada” de modo mais eficaz durante algum dentre tantos acontecimentos que podem resultar em potenciais traumas na vida daqueles que se auto-denominam vítimas.

Assim, diz-se que um indivíduo é resiliente quando consegue superar (e não necessariamente eliminar) as adversidades a que é acometido, resgatando a força necessária para superá-las e aprender com elas, tornando-se uma pessoa mais sábia e resistente às dificuldades.

Seção 4 - O que são fatores de risco e fatores protetores?

A) Fatores de risco

Algumas pessoas, embora com experiências de vida e vivências semelhantes, são extremamente diferentes, eis que algumas conseguem superar as crises enfrentadas, enquanto que outras não.

Neste contexto, é de suma importância considerarmos alguns atributos pessoais, como sexo, temperamento, traços de personalidade, relacionamentos familiares e com amigos, genética, aspectos sociais, econômicos e religiosos.

Assim, o que se tem entendido ultimamente como fator de risco é tudo aquilo que, ao ser enfrentado por uma pessoa, pode ou não fazer com que esta sinta-se desmotivada, derrotada.

Isto quer dizer que o fator de risco é qualquer característica ou qualidade da pessoa que transmite índices de altas probabilidades de prejuízos físicos, sociais, emocionais e à saúde. É o que se pode comparar ao seguinte exemplo: o consumo de tabaco pode causar câncer no pulmão.

Deste modo, são alguns fatores de risco: doença grave ou morte de familiares ou grandes amigos, divórcio, pobreza, acidentes, assassinato de um amigo ou membro da família, abuso sexual, incêndios, enchentes, terremotos, grandes perdas materiais, perda de emprego, assaltos e fome, dentre outros.

Nestes casos, se considerarmos os jovens como *pretensas* vítimas, eles apresentam um alto risco de se tornarem *efetivas* vítimas, por uma série de fatores e conseqüências psicopatológicas ocasionadas em sua infância, adolescência, ou vida adulta.

Por outro lado, no que tange aos jovens resilientes, estes são reconhecidos como verdadeiros atores sociais, com estratégias, competência e habilidades válidas para enfrentar a violência.

B) Fatores protetores

São condições do ambiente capazes de favorecer uma pessoa ou um grupo de pessoas, e de reduzir a ocorrência de efeitos, resultados ou circunstâncias desfavoráveis à superação das adversidades; são também as condições do próprio indivíduo, ou condições familiares.

São exemplos de fatores protetores: um casal bem constituído em relação aos filhos, uma boa estrutura familiar dotada de pessoas conscientes e com caracteres favoráveis no sentido de buscar sempre a superação dos problemas, autonomia, expectativa de sucesso no futuro, tolerância ao sofrimento, habilidade para resolver problemas, boa auto-estima, estabilidade emocional e etc.

Diante deste cenário, poderíamos então asseverar que a resiliência é o ponto de equilíbrio entre os fatores de risco e de proteção?

Para alguns pesquisadores, trata-se de uma balança equilibrada: de um lado, as ameaças, os perigos, os eventos estressantes e as condições adversas que levam à vulnerabilidade e, do outro lado, a força, a competência, o sucesso e a capacidade de reação e enfrentamento, que constituem caracteres do indivíduo resiliente.

Daí porque os jovens resilientes normalmente residem em lares onde embora as condições financeiras nem sempre sejam favoráveis, os pais são competentes, afetuosos, disponíveis ao diálogo, e impõem regras consistentes a ser seguidas pelos filhos.

Seção 5 - A resiliência e a violência: fatores contrapostos de influência?

A violência é patologia humana que contamina, se difunde e gera mais violência. Por outro lado, é notório o fato de que devido a inúmeros fatores, as crianças vítimas de violência apresentam alto risco de desenvolverem conseqüências psicopatológicas negativas no transcurso de sua vida. No entanto, as crianças resilientes resistem melhor, e são menos afetadas por parte da violência presenciada nos ambientes em que vivem.

Talvez por isso as pesquisas humanas sempre enfocaram os estados patológicos do indivíduo submetido às várias formas de violência, enfatizando causas ou fatores que explicassem as condições mentais ou biológicas negativas no ser humano atingido pela violência, sendo que no que tange à resiliência, não há que se falar em patologia; a resiliência se ocupa com os casos em que não há transtornos psicopatológicos, apesar de serem previsíveis, pelos riscos que enfrentam.

Deste ponto advém a necessidade de se conhecer os fatores de risco de sua intensidade e duração, o que possibilitará desenvolvê-la em crianças, proporcionando-lhes oportunidade de não responderem à violência com os transtornos previsíveis.

Estudos demonstraram que não se cumpriram as probabilidades de prejuízo da espécie humana em virtude de inúmeras catástrofes da natureza, epidemias, guerras, genocídios, fome, miséria, trabalho escravo. As teorias foram insuficientes para explicar o fenômeno da sobrevivência humana a todas estas adversidades, dentre outras; subsidiário quer dizer que, embora tais fatores tenham determinado a ocorrência de patologias em algumas pessoas, a grande maioria dos seres humanos se recuperou rapidamente, desenvolvendo-se de forma normal.

Os resultados positivos na sobrevivência foram obtidos por aqueles que tiveram imunidade e proteção frente aos desastres, catástrofes e violências, resistindo a tudo isto e, não raras vezes, saindo com novas forças para sobreviver.

O foco dos estudos, então, passou a centralizar a figura da vítima, especialmente das crianças, orientando a análise sobre os fatores protetores que preservaram a integridade psicológica e mental destas pessoas, surgindo então o grande interesse pela resiliência.

Após várias pesquisas, as primeiras conclusões foram no sentido de que existem certas imunidades para resistir aos fatores de risco e não se tornar vítima, imunidades estas que podem ter características inatas, enquanto que a imunidade psicológica, chamada de resiliência, pode ser desenvolvida no ser humano, principalmente em jovens.

Alguns caracteres das pessoas são associáveis positivamente à possibilidade de enfrentar os fatores de risco, e em contrapartida aproveitar os fatores protetores e tornar-se resiliente. Alguns desses caracteres são precoces nas crianças: fácil comunicação, autonomia, capacidade de atenção e concentração e controle de impulsos, o que torna imperioso concluir que as pessoas mais jovens têm maiores probabilidades de tornarem-se resilientes, superando circunstâncias difíceis por elas enfrentadas, o que, no entanto, não induz à assertiva de que as pessoas com mais idade não possam tornar-se resilientes.

Diante deste cenário, podemos citar alguns atributos presentes na personalidade de um jovem resiliente:

- a) Autonomia: consubstancia-se em um forte senso de identidade e auto-estima positiva; o jovem resiliente demonstra independência e autocontrole.
- b) Competência social: temperamento fácil de se lidar; inteligência aguçada.
- c) Flexibilidade, sensibilidade, atenção, ótima capacidade comunicativa;
- d) Competência para resolver problemas: o jovem resiliente tem alta capacidade de pensar de forma crítica, procurando alternativas para solucionar os problemas, usando até mesmo de certo bom humor.
- e) Confiança em seu futuro, buscando ajuda sempre que não encontra saída, sendo persistente, esforçado e otimista.

Na educação da criança para se tornar resiliente, visa-se o desenvolvimento das *condições* que ela já possui para tanto, ampliando as condições que já existem e, paralelamente, construindo as que estão ausentes.

Ressalte-se que o desenvolvimento da “capacidade de resiliência” nos jovens passa pela mobilização e ativação das suas capacidades de ser, ter, estar, poder e querer, o que constituem as condições suso mencionadas.

Passemos a exemplificar cada uma destas condições:

I) SER

Alguém amado e bem querido por aqueles que estão à sua volta;

Alguém responsável por aquilo que se compromete a fazer;

Alguém capaz de tornar melhor e mais felizes aqueles que o rodeiam;

Alguém em quem se possa confiar;

Alguém respeitado e requisitado pelos demais.

II) TER

Uma família e amigos em quem possa confiar;

Uma família e amigos que possam lhe indicar o melhor caminho;

Uma família e amigos dispostos a ajudá-lo sempre que necessitar;

Uma família e amigos que o auxiliam quando fica doente;

Uma família e amigos prontos a resgatá-lo de qualquer perigo.

III) ESTAR

Seguro de que tudo dará certo;

Rodeado de pessoas que só querem lhe ajudar;

Triste, ou com medo, e demonstrar isso, seguro de ter apoio;

Disposto a assumir seus atos;

Tranquilo quanto ao sucesso que o espera no futuro.

IV) PODER

Contar a qualquer momento com aqueles que o cercam;

Demonstrar seus receios;

Encontrar meios de superar as adversidades;

Encontrar o momento certo de agir ou falar;

Se controlar ao fazer algo incorreto ou perigoso.

V) QUERER

Encontrar as melhores saídas para seus problemas;

Contar com o apoio das pessoas que o rodeiam;

Dar a volta por cima e fazer dos desafios um retrato de sucesso;

Entender e usar a solução dos conflitos de forma positiva em sua vida.

Seção 6 - Resiliência: atributo individual ou coletivo?

Há quem entenda que a resiliência não é apenas um atributo individual, mas que não só pode como deve estar presente nas organizações e instituições como um todo, gerando, deste modo, uma sociedade mais resiliente, na medida em que uma organização resiliente é dotada de inteligência, estruturas coerentes e flexíveis, tolerância às mudanças e aos conflitos, limites definidos, comunicação aberta e sentido de comunidade, onde as pessoas que a compõem são inteligentes, responsáveis, solidárias, competentes e dignas de confiança.

Esta ampliação acerca da discussão sobre a resiliência no âmbito de organizações e grupos, se torna extremamente importante quando se enfoca a questão dos egressos de instituições para abandonados, cuja principal característica é o atendimento pautado em normas pré-definidas, e ausência de escuta dos reclames por parte dos internos, em suas reivindicações.

E, apesar desse caráter extremamente autoritário e rígido destas organizações, que inclusive pode ser vislumbrado como um fator de risco ao desenvolvimento pessoal destas pessoas, muitos dos egressos assumem o caráter de resilientes, adaptando-se às normas sociais e não mais envolvem-se em atividades delinqüenciais.

Por isto não se pode deixar de lado a discussão sobre a resiliência existente nestas próprias instituições!

Ora... se alguns dos internos, ao deixar estas organizações, conseguem levar uma vida digna, sem qualquer envolvimento com o crime (que é o que normalmente não se espera), significa que enquanto fazia parte da instituição, esta lhe permitiu estabelecer importantes vinculações afetivas, laborativas, ou mesmo sentimentais, o que, de qualquer forma, só veio a contribuir para que ele se tornasse um resiliente e enfrentasse esta adversidade (o fato de ter sido abandonado) da melhor forma possível, absorvendo esta circunstância de modo a tornar-se um pessoa melhor diante da vida.

Mas, há quem enfoque o aspecto individual da resiliência, asseverando que os sistemas educacionais devem cada vez mais valorizar o desenvolvimento da pessoa, preparando-a para adaptar-se e superar, da melhor forma, as ocasiões adversas.

E como estimular a resiliência? Isto é possível em todas as idades e fases da vida! Confira-se o seguinte caso:

Uma família viajava para passar férias no litoral de Santa Catarina. Tudo corria da melhor maneira; pai, mãe e as duas filhas curtiam imensamente o trajeto, paravam freqüentemente para observar a paisagem e posarem para fotos. Inesperadamente, numa das curvas do percurso, um caminhão que seguia em sentido oposto invadiu a contra-mão de direção, vindo a colidir com o veículo da família. O socorro não demorou muito a chegar, mas infelizmente a mãe e a irmã mais velha não resistiram aos ferimentos e faleceram.

É um típico caso de tragédia familiar, onde os fatores de risco se fazem presentes, convergindo no sentido de o pai e a irmã caçula sofrerem forte abalo psíquico, e carregarem este abalo para o resto de suas vidas.

E, promover a resiliência em ambos é extremamente importante, à fim de que eles possam superar esta terrível adversidade. Para tanto, é indispensável reforçar as características do “eu sou” (alguém forte e determinado o suficiente para superar isto); “eu estou” (seguro de que tudo sairá bem, e que conseguirei seguir adiante); “eu posso” (contar com minha família e meus amigos, que tanto me amam); “eu tenho” (capacidade de encontrar os melhores meios de solucionar e superar meus problemas); “eu quero” (dar a volta por cima e fazer dos desafios um estímulo para o sucesso).

Infere-se, desta maneira, que uma das grandes apostas para o próximo milênio será tornar as pessoas mais resilientes e preparadas para uma certa invulnerabilidade, que lhes permita resistir aos problemas que a vida apresenta.

Seção 7 - Algumas questões finais a serem consideradas:

Pôde-se vislumbrar, no transcurso do presente capítulo, vários conceitos sobre resiliência, bem como as características das pessoas resilientes; o que se torna imperioso destacar, por oportuno, é que: o fato de uma pessoa não apresentar sucesso em algum âmbito da vida, ou não conseguir superar um acontecimento em especial, não significa, necessariamente, que ela jamais poderá ser resiliente.

Até mesmo porque, dependendo das condições de vida da pessoa, e da seriedade dos problemas por ela enfrentados, pode-se dizer que o simples fato de sobreviver já a torna resiliente!

Os exemplos de qualidades pessoais mencionados nos levam a indagar sobre aqueles que não as possuem, e que nem por isto deixarão de ser, um dia, identificados como resilientes.

Outra questão de suma valia a ser aqui mencionada refere-se à importância da *interpretação* dada pelo indivíduo às situações, e que também torna-se característica fundamental na pessoa resiliente, eis que - vale repisar - as pessoas podem responder de maneiras diferentes às mesmas adversidades, e dependendo da interpretação que ele dá à situação, teremos ou não a adversidade.

Por derradeiro, vale a seguinte ressalva: sempre que o tema em pauta for **resiliência**, é necessário se fazer o estudo de vários fatores, haja vista que a capacidade de ser feliz, trabalhar, amar e ter sucesso é a base onde as habilidades humanas se apóiam para serem usadas diante de qualquer problema que vier a surgir em nossas vidas.

CAPÍTULO III

Causas que influenciam no comportamento dos jovens

Seção 1 - GENÉTICA

Questão que sempre gerou inúmeros questionamentos, e como corolário lógico, diversos posicionamentos, é a que refere-se à possível relação da criminalidade com a genética. Talvez, tal fato se deva a uma tentativa quase que automática de se conhecer os motivos que levam uma pessoa a delinquir, para que ulteriormente se possa prevenir ou reprimir estas práticas inconvenientes.

A tentativa de se entender as razões do crescimento das práticas até aqui mencionadas consubstancia-se na existência de opiniões opostas à respeito.

De um lado há teorias que sustentam ser o homem absolutamente submisso a fatores biológicos, de modo que ao ser concebido herda uma maior ou menor predisposição genética ao crime, dependendo dos caracteres apresentados por seus genitores.

De outra banda admite-se certa relatividade dos fatores biológicos, sendo que a herança genética de caracteres da delinqüência não se perfaz de modo absoluto.

Neste diapasão, merece destaque a famosa obra de *Lombroso*, por ter sido a primeira tentativa sistemática de explicação científica da criminalidade.

Referida teoria sustentou que o criminoso nato apresenta-se como uma criatura biologicamente inferior às pessoas normais, com alguns traços psicológicos e anatômicos peculiares, que o tornam diferente.

A este estudo há uma vinculação determinante por parte da denominada “Teoria da criminalidade hereditária”, segundo a qual a tendência à prática de condutas ilícitas seria perfeitamente transmissível por herança genética, de tal sorte que em alguns grupos familiares haveria uma maior tendência à existência de membros criminosos, enquanto que em outras famílias esta tendência seria ínfima.

No entanto, esta teoria caiu por terra ao ser combatida por argumentos contrários que sustentavam o seguinte: a maior incidência da criminalidade em certas famílias, paralelamente à menor incidência, não são influenciadas por transmissão hereditária, ao contrário do que a teoria combatida sustentava.

Ademais, a argumentação no sentido da inexistência da hereditariedade da criminologia ganhou força à medida em que se evidenciou a ausência de elementos aptos a levar a uma convicção segura e eficaz em sentido diverso.

Destarte, resta consignada a circunstância de que uma maior presença de criminosos em uma mesma família deve-se não aos caracteres genéticos entre seus membros, mas sim às condições de convivência e existência, social e economicamente falando.

Seção 2 - FAMÍLIA

Em se tratando dos fatores que envolvem a entidade familiar como potencial responsável na formação do perfil criminológico de seus componentes, é de se ressaltar a atual crise no modelo de família dominante (pai, mãe e filhos).

É clarividente a necessidade de se realizar novas definições familiares, o que se dá justamente em virtude da ocorrência de alguns fatores, como por exemplo, o aumento no número de separações conjugais, o que gera, por via reflexa, um acréscimo na existência de famílias chefiadas por mulheres.

Ao grupo familiar atribui-se a característica de *agente socializador*, cujas funções básicas correspondem à formação da personalidade de seus entes.

Além disso, a primordial das funções atribuídas ao grupo familiar diz respeito ao fato de a mesma ter a responsabilidade de preparar as crianças para que futuramente se tornem membros da própria sociedade.

A família não é uma instituição estática; sua constituição sofre algumas modificações, mormente com relação ao papel que exerce na organização social de seus componentes.

Daí porque na sociedade atual a família apresenta-se como ponto de construção da personalidade dos jovens, ou seja: é ela o primeiro (e mais importante) contato que a criança tem com o mundo exterior após seu nascimento.

Inicialmente há o contato afetuoso com os pais, e após, gradativamente, ocorre uma espécie de interação familiar, onde a criança experimentará o convívio com os demais membros do grupo familiar (irmãos, avós, tios...), passando a ampliar seu círculo de “relações pessoais”.

Paralelamente a tais aspectos, bem como ao natural desenvolvimento físico da criança, há o desenvolvimento psíquico e social.

Neste ponto é que centraliza-se a primordial importância do papel da família na vida do indivíduo. Se a criança cresce num ambiente familiar contaminado pelas discussões entre seus pais, ou entre estes e seus irmãos, por exemplo, ocorrerá quase que de modo automático uma grande **probabilidade** de aquisição de um caráter agressivo, inconstante e impaciente pela criança, por ter ela presenciado constantes atos de inimizade entre pessoas próximas. Mesmo porque as crianças tendem a absolver e julgar corretas as atitudes de seus pais, que servem de ponto primordial para a fixação de sua própria personalidade.

Mas, se por outro lado, a criança está situada em um ambiente amoroso e harmônico, onde há demonstrações de afeto entre as pessoas com as quais convive, a **tendência** será inversa, no sentido de que estes caracteres terão maiores chances de restarem incorporados à sua personalidade.

Note-se que em ambas situações foram usados os termos **probabilidade** e **tendência**, à fim de se conceder ênfase ao fato de que malgrado conviva num ambiente tranqüilo e cheio de amor, pode o indivíduo desenvolver personalidade contrária, com traços de criminalidade. Em assim sendo, a recíproca é verdadeira: embora presenciando brigas, desentendimentos e condutas delituosas, pode-se ter a formação de uma pessoa íntegra, honesta, e que futuramente terá postura diversa com seus filhos e cônjuge.

Infere-se, deste modo, que o grupo familiar é um dos pontos de maior relevância em sede da formação psico-social dos jovens. Todavia, esta responsabilidade que lhe é atribuída deve ser analisada de modo relativo, em virtude de tudo o que restou consignado supra.

Diante deste cenário, questão interessante é a que respeita aos limites, regras e valores impostos aos jovens no convívio familiar.

Isto porque o termo “educar”, em nosso entendimento, vem carregado de dois aspectos, sendo que o primeiro deles tange à correta imposição de limites, sejam eles para quaisquer fins.

No que tange ao segundo aspecto, este diz respeito à liberdade conferida pelos pais aos filhos, e que também deve ser limitada, eis que o dever daqueles é ensinar a estes; educar é fornecer liberdade com limites, que são tão necessários à própria liberdade.

Os noticiários de televisão têm demonstrado que na maior parte dos casos em que se fala de influências negativas da família sobre os jovens, trata-se de núcleos familiares em que os pais são divorciados, ou a mãe é solteira e não pôde contar com o apoio de uma figura masculina.

Embora tal circunstância, de forma isolada, não se apresente como fonte geradora do perfil criminológico de adolescentes, a questão é que nos lares onde a situação econômico-financeira é menos privilegiada, a ausência do pai acarreta conseqüências muito mais sérias do que numa família de melhores condições.

Resta claro que as mães, ao trabalhar fora para garantir o sustento da família, não têm outra opção, senão a de deixar os filhos normalmente sozinhos, e por isto, estes se tornam alvos fáceis para aqueles que diariamente recrutam novos criminosos.

Mesmo porque, os adolescentes que contam com a figura paterna (ou qualquer outra figura masculina), tendem a não desenvolver características voltadas à criminalidade, desde que, por óbvio, tal figura seja capaz de lhe transmitir valores aptos a lhe guiar por um caminho correto.

O contrário se dá quando, convivendo com a figura paterna, esta é extremamente violenta e agressiva. Neste caso, a violência doméstica tem um efeito tão ou mais grave do que a ausência paterna, haja vista o possível desenvolvimento de sintomas de agressividade e depressão, agravados pela incapacidade de o indivíduo desenvolver e constituir vínculos afetivos.

Em assim sendo, de se presumir que: se não foram fixados vínculos afetivos com os pais, dificilmente poderão os jovens estender estes vínculos a pessoas estranhas. Surge assim a enorme necessidade de se encontrar meios que permitam transformar a convivência dos pais com os filhos num relacionamento mais positivo, necessidade que decorre de um fato determinado: a função primordial da família é preparar o jovem para viver em sociedade, impondo os necessários limites, com moderação.

Seção 3 - ESCOLA

As instituições de ensino, sejam elas de caráter público ou privado, ocupam nos dias de hoje uma posição não tão importante quanto deveriam, como já se pôde vislumbrar em épocas passadas.

É o que se constata ao efetuar uma comparação entre o perfil das escolas há algumas décadas e atualmente.

Não é preciso ir muito longe para se conferir a veracidade destas assertivas: qualquer pessoa que freqüentou a escola há cerca de vinte ou trinta anos pode narrar as diferenças. Os professores eram vistos como a segunda família dos alunos, e também eram responsáveis por complementar a educação dos mesmos; daí a razão de agirem com um rigorismo peculiar, à fim de cumprirem esta tarefa de modo satisfatório.

Diferentemente, o que se vislumbra hoje é a decadência total do ensino, principalmente em escolas públicas, onde o desrespeito mútuo tomou conta de mestres e alunos.

Como se não bastasse, é possível se verificar até mesmo o uso e comércio de entorpecentes no interior destes locais, bem como o porte de armas.

Tal situação é absurda; as escolas deveriam, principalmente nos dias atuais, fazer parte da vida diária dos alunos como um local importante e merecedor de respeito.

Até mesmo porque em grande parte das famílias os pais trabalham fora, e não dispõem de muito tempo para estar com os filhos, ausência esta que poderia ser em parte suprida pela escola.

Todavia, não é o que ocorre; nem professores e nem alunos sentem-se estimulados a vivenciar este espírito; aqueles, porque muitas vezes não recebem um salário apto a garantir tranquilidade; estes, porque erroneamente não vêem reais incentivos em ir à escola.

Isto sem falar num aspecto de suma importância, e que também é responsável pela falta de estímulo de ambas as partes: a violência.

Quando se poderia cogitar que uma criança matriculada na 5ª, 6ª ou qualquer outra série, levaria armas (pra se defender ou ferir alguém) para a escola?

Quem imaginou, há algumas décadas atrás, que haveria a possibilidade de traficantes de drogas exercerem tal comércio nos portões e interiores de escolas?

Já se pensou que tantos jovens morreriam dentro de escolas, vítimas de conflitos entre turmas rivais?

Ou ainda, que as instituições escolares, que eram locais tão respeitados, passariam a ser alvo constante de furtos e danificações?

É óbvio que há algumas décadas, jamais se imaginou que estes fatos tão tristes pudessem realmente ocorrer! Mas é a dura realidade enfrentada por professores e alunos que ainda levam a sério o papel da escola, e o seu próprio papel diante dela.

Em poucas palavras, pode-se dizer que a escola deixou de ser um local seguro. Quando os jovens saem para ir até ela, em muitos locais, como periferias, por exemplo, não sabem se chegarão até lá e se voltarão bem para casa. Ademais, os pais não têm mais a certeza de saber que seus filhos estão em local protegido, e temem o que pode ocorrer.

Muitos professores vencem diariamente suas limitações, e por acreditar que esta triste situação pode ser revertida, enchem-se de coragem e esperança, e realizam suas tarefas, mesmo que não recebam um salário adequado para tanto.

Outros, porém, pressionados pelo medo, ameaças e insegurança limitam-se a desacreditar num futuro melhor, e procuram outra profissão.

É o que se infere de depoimentos prestados por professores aos meios de comunicação que veiculam os atos de violência ocorridos em alguma escola, narrando que o que mais chama a atenção não é a questão da violência propriamente dita, mas sim o aspecto de naturalidade que a violência vem tomando entre os jovens, que demonstram, em sua maioria, uma certa insensibilidade em relação às conseqüências geradas pela violência.

E é isto que realmente tem preocupado a todo e qualquer segmento social.

De modo geral, sempre se ouviu dizer que a escola em nada influi no aluno que possui uma personalidade corretamente constituída no seio de sua família.

Particularmente, não reputo ser este o melhor entendimento. Creio que há, de certa maneira, alguma influência. Mesmo porque os alunos vão à escola com pouca idade, onde permanecem por vários anos.

Seção 4 - FAMÍLIA x ESCOLA

No que tange à provável responsabilidade de ambas na formação do perfil criminológico dos jovens, há aqui dois segmentos de opinião: de um lado os **professores** atribuem a crescente violência entre os jovens à desestruturação familiar e à falta de atenção e convívio destes com os pais.

Por uma questão até mesmo moral, os professores tentam passar aos alunos algumas diretrizes básicas e noções éticas, sociais e humanísticas, que à princípio seria de responsabilidade da família, como por exemplo: respeito, imposição de limites e estabelecimento de diálogos, porque alguns pais pensam que não precisam educar os filhos, e que tal tarefa é da escola.

De outra banda, os **pais** têm entendimento diverso, na medida em que consideram ser a violência nas instituições de ensino fruto da falta de autoridade dos professores, deixando de cobrar dos alunos até mesmo o mínimo necessário a sustentar um convívio ideal e que talvez no intento de se identificar com os alunos usam abusivamente termos impróprios (gírias), por exemplo.

Neste diapasão, vislumbra-se que cada uma das duas partes responsabiliza a outra pelas falhas, fracassos e atribuição do caráter violento à personalidade dos jovens.

O certo é que esta questão se resolverá somente quando se estabelecer um diálogo aberto entre os componentes dos dois pólos, ouvindo-se inclusive o jovem, à fim de se buscar diminuir todo este aspecto violento que vem impregnando tanto as escolas quanto as famílias, e que por via reflexa influi na formação do caráter dos jovens.

Seção 5 - MÍDIA

Não há como abordar a questão da influência sofrida pelos jovens sem se mencionar o fator mídia.

É sabido que os meios de comunicação sempre mereceram e ainda merecem atenção especial. Isto ocorre desde os tempos em que havia censura, que proibia a livre manifestação de qualquer espécie de opinião ou pensamento desfavorável aos interesses políticos então vigentes, mesmo que tal opinião fosse colocada ao público através de uma simples nota no jornal, ou pela letra de uma música.

Qualquer possível ameaça, por mais singela que fosse, era reprimida imediatamente, e o responsável pela manifestação era punido severamente.

Pois bem; hoje não se fala em censura. Ao contrário, quando há alguma tentativa de se limitar horários de programação ou cenas de nudez e de sexo explícito na televisão, rapidamente surgem manifestações no sentido de coibir qualquer proibição, sustentando-se, para tanto, que não se admite mais qualquer tipo de censura.

Mas, será que a imposição de limites aos meios de comunicação traria mais prejuízos do que benefícios aos seus destinatários?

Resta claro no entendimento de qualquer cidadão de bom senso que a imposição de limites foi, é, e sempre será extremamente útil e válida a uma digna formação de caráter.

Se não fossem permitidas as limitações, a situação enfrentada pela sociedade em relação aos jovens que ainda não têm opinião formada acerca de determinados assuntos, seria ainda mais séria.

A uma, porque mesmo havendo limitações concernentes a horários, há emissoras de televisão que não o respeitam, e veiculam imagens de violência, sexo, usuários de drogas... em horários inoportunos, em que há crianças e jovens assistindo, como ocorre, a título de exemplo, com os próprios desenhos animados, que tratam a violência e a morte como algo comum e generalizado, o que não poderia ocorrer.

A duas, porque mesmo em telejornais, onde há mais seriedade do que em novelas, por exemplo, os mais extremados casos de violência são abordados como algo que já se tornou rotineiro e inevitável.

Isto faz com que não só os jovens, mas também os adultos, encarem toda esta inversão de valores de um modo tal que o inconsciente receba as informações relacionadas à violência e as processe como se estivesse recebendo informes sobre quaisquer outros assuntos, gerando um certo aspecto de conformismo, levando-se a vislumbrar o problema como algo que já se incorporou à vida moderna, e que não pode ser combatido.

Apartando-se dos demais veículos de informação (rádio, jornal, revistas...) e focalizando a televisão, bem como a figura do jovem, que é o ponto central do presente trabalho, é de se ressaltar que a influência daquela faz com que este tenha uma visão desvirtuada sobre alguns assuntos.

É o que se dá em assuntos relacionados ao consumo; por exemplo: se um jovem necessita de um par de tênis para se dedicar à prática de algum esporte, é acompanhado pelo pai até as lojas, onde encontram bons tênis por valores inferiores a cem reais. Mas o jovem não se vê satisfeito, porque há dezenas de propagandas na televisão dizendo que o tênis da marca "x" é melhor do que os outros; e o jovem não atenta para o valor a ser pago, com o qual ele poderia comprar mais de um par de tênis de marca diferente daquela.

E ele não atenta também para o fato de estar sendo usado pelos fabricantes e vendedores ao adquirir um produto de custo altíssimo, e que não raras vezes possui o mesmo padrão de qualidade de outros tênis com custo menor.

Torna-se claro, assim, que o apelo da televisão determina padrões incoerentes de consumo, e faz cair por terra as regras e valores sociais criados e respeitados ao longo do tempo.

Como se não bastasse, há ainda a questão referente à privação do convívio familiar. A televisão muda os hábitos da casa, cerceando a possibilidade de diálogo entre os membros de uma família.

Pode até não parecer, mas os valores introduzidos pela televisão nos lares pode ser capaz de inverter todo o processo de socialização dos filhos, fazendo com que os limites e valores que os pais tentam passar-lhes sejam superados e deixados para trás, na medida em que as mensagens passadas pela T.V. parecem ser muito mais agradáveis e interessantes.

E, especificamente falando com relação à prática de delitos, dúvidas inexistem acerca da influência da televisão, seja em países ricos ou em nações subdesenvolvidas.

Mesmo porque são vários os casos conhecidos mundialmente de jovens que têm contato com jogos violentos, ou que assistem filmes ou programas na televisão e saem de casa com o intuito desvirtuado de perpetrar as mesmas condutas, ocasião em que tiram a vida de pessoas inocentes.

Claro que muitos destes jovens possuem distúrbios mentais; mas, de outro lado, muitos não têm qualquer problema psíquico.

Neste diapasão, não podemos desprezar a circunstância de que uma pessoa com formação sóbria, que recebeu valores sólidos e aptos a impedi-lo de cometer este tipo de atrocidade, jamais sofreria qualquer tipo de influência neste sentido.

Por óbvio, se recebeu este tipo de formação, independentemente do que foi veiculado pela T.V., a pessoa terá uma visão crítica, capaz de absorver somente aquilo que lhe trará algum benefício, desprezando todo o restante.

Daí a se deduzir que malgrado seja a mídia capaz de influir na forma de agir e de pensar dos jovens, referida influência restará inoperante com relação àqueles que possuem consciência de normas, limites e valores sociais, conscientes de seu valor diante do mundo.

Seção 6 - AMIGOS

Os jovens em geral encontram num círculo de amigos a confiança e apoio de que necessitam para enfrentar os obstáculos da vida.

Todos nós já tivemos algum dia um verdadeiro amigo em quem realmente confiamos; alguém que sempre nos ajudou, e que estava sempre disposto a nos acompanhar, e tirar o máximo proveito de uma situação qualquer.

Alguns de nós ainda podemos contar com antigos amigos, perdemos contato com alguns, e fizemos novas amizades.

Esta relação de confiança e ajuda recíproca ocupa um lugar de imensa importância para o tema em debate, porque logo após os grupos familiar e escolar, o grupo de amigos desempenha uma função de extrema influência no comportamento dos jovens, influenciando na formação do seu perfil criminológico.

Normalmente, a constituição dos círculos de amizade consubstancia-se entre vizinhos, parentes, companheiros de colégio ou de alguma prática de esportes, por exemplo.

Em assim sendo, e como via de regra, os amigos unem-se por um interesse em comum, seja ele consistente em uma opinião, nas brincadeiras preferidas, no esporte praticado, ou no objetivo de alcançar algo futuramente.

Pode-se dizer, inclusive, que no mais das vezes, um amigo sabe mais sobre as nossas vidas do que os próprios pais, fato este que, provavelmente se deva em virtude das afinidades supra.

Nada impede, no entanto, que os amigos possam vir a enfrentar dificuldades, sejam elas de ordem financeira, social, religiosa, ou mesmo de idade.

E um fato que chama bastante atenção, e que portanto merece enlevo no presente trabalho é a questão da diferença de idade entre amigos, circunstância perfeitamente possível de ocorrer, e que, diga-se de passagem, não é muito rara.

São freqüentes os grupos de amigos em que há adolescentes mais novos e mais velhos, onde embora existam grandes diferenças de idade, estas não interferem na boa convivência entre eles, a não ser por um aspecto: em regra, os mais velhos exercem grande influência sobre os mais novos. Esta influência se materializa em relação a assuntos diversos, como os que respeitam a modo de vestir e falar, opiniões sobre família, relacionamentos, sexo, drogas, e principalmente *violência*.

Os amigos com mais idade, mesmo que de forma inconsciente, e talvez por sua “maior experiência”, são vistos como protótipos de pessoas, e mesmo que seus atos não estejam diretamente voltados para este fim, são vistos pelos mais jovens como um modelo a ser seguido.

Daí a possibilidade de influírem concretamente na formação do perfil criminológico dos mais jovens.

Ou seja: os atos e opiniões dos amigos mais velhos são idealizados pelos mais jovens. Dependendo do que dizem, ou do modo como agem, estes também passarão a agir, e isto se dará com muita naturalidade.

Talvez isto se explique pela seguinte circunstância: os seres humanos têm a tendência de se espelhar em pessoas próximas; a vontade de sempre agir corretamente faz com que estas pessoas próximas em quem buscamos nos espelhar tenham uma característica pré-determinada: sejam mais velhas que nós; afinal, ter as mesmas atitudes de alguém mais jovem e “menos experiente” seria correr o risco de errar, e isto ninguém quer.

Desta forma, explica-se a enorme tendência de adolescentes, inexperientes por sua natureza, adquirirem caracteres voltados à criminalidade, e que foram herdados não dos pais ou da escola, mas sim de amigos.

Ora, as primeiras pessoas com quem o jovem estabelece vínculos são aquelas que compõem o núcleo familiar. Mais tarde, este rol amplia-se com seu ingresso na escola, e depois (ou concomitantemente), ao constituir um círculo de amizade. Destarte, os amigos encontram-se situados logo no início de toda esta cadeia, razão que lhes confere alto grau de importância.

Sua influência negativa pode, então, determinar que os outros amigos tornem-se pessoas com o mesmo perfil, que pode inclusive corresponder a caracteres de violência, frieza diante de atos violentos, ou ainda de naturalidade quanto a questões ligadas a drogas e sexo.

Por isso, conclui-se que podem os amigos determinar a formação de um perfil criminológico entre os jovens. Em geral, os mais velhos são responsáveis pela maior parte desta influência, que de outra sorte afeta com mais frequência (e não somente) os componentes mais jovens dos círculos de amizade, dada a sua “inexperiência” e ausência de opinião formada acerca de determinados assuntos, tratados periodicamente em grupos de amigos.

Seção 7 - INSTITUIÇÕES ASSISTENCIAIS

As instituições assistenciais, cuja finalidade primordial deveria ser a de suprir a ausência familiar experimentada pelas crianças que ali se encontram, nem sempre satisfazem esta necessidade, como se verá a seguir.

Sabe-se que as crianças que mantêm vínculos com os estabelecimentos de amparo ao menor normalmente foram abandonadas pela família, tornando-se órfãs, ou foram vítimas de maus-tratos, o que resultou na perda do poder familiar do responsável por elas.

Assim, deveriam estes jovens receber tratamento especial, para que ulteriormente possam ver-se preparados para o ingresso em sociedade, à fim de que possam fazer parte de atividades laborativas, constituir família... Enfim; deveriam estas instituições prepará-los para obter uma vida digna.

Todavia, o que se vê, em verdade, é a privação de estímulo afetivo e sensorial, onde as condições mínimas de um desenvolvimento sadio não se perfazem.

Destarte, na maioria das vezes, o que resulta é num adulto sem o normal desenvolvimento de uma identidade pessoal ou estabilidade emocional, apresentando, além disso, um enorme sentimento de revolta.

Mas, que motivos poderiam impedir a reeducação e o preparo dos menores para integrar a sociedade futuramente?

As razões para tanto são conhecidas por todos; trata-se de velhas desculpas usadas não só nesta seara, mas em muitas outras áreas que dependem de verbas públicas para coexistir.

São elas: despreparo absoluto dos componentes da equipe técnica, falta de verbas, ausência de infra-estrutura, falta de apoio e de interesse dos responsáveis.

Estas pretensas justificativas são apresentadas pelos responsáveis no intuito de inculcar aos demais componentes da sociedade a falsa ideia de que, caso as condições supra fossem favoráveis, poderia-se alcançar os fins propostos.

No entanto, mesmo em instituições que são mantidas em países desenvolvidos, onde as condições de se preparar satisfatoriamente um jovem para viver em sociedade são facilmente constatáveis, não se fala em 100% de sucesso.

Como poderia uma criança que viveu durante meses, ou mesmo anos em uma instituição educacional, alcançar um índice razoável de sociabilidade se as condições que o cercam não contribuem para isto?

Uma criança (ou adolescente) necessita de muita atenção, afeto e carinho, além de uma formação educacional apta a fornecer ditames morais. E, com exceção daqueles que são adotados por uma família interessada em fazer o melhor por ele, os demais são obrigados a suportar várias condições adversas.

De início, há a questão ligada aos funcionários: não se fala somente em falta de pessoas para trabalhar nesta área, mas principalmente na falta de profissionais preparados. Os assistidos têm que satisfazer-se com o pouco tempo de contato que lhes é proporcionado por estes funcionários.

Mesmo porque existem nestes locais, dezenas, ou mesmo centenas de jovens à espera de apoio, e diferente do que ocorre no seio familiar, eles não são o foco restrito de um ou dois irmãos, por exemplo, que recebem toda a atenção de uma família.

Em suma, pode-se afirmar que inversamente ao que ocorre numa família, os jovens assistidos recebem pouca atenção, e mantêm estritos contatos físicos e pessoais com os funcionários destes estabelecimentos.

Infere-se, deste modo, que malgrado a falta de verbas e de infra-estrutura ou de funcionários não justifique a realização de um trabalho não satisfatório, muitas destas crianças e adolescentes desenvolvem um perfil criminológico, o que se liga intimamente à sua permanência em locais deste porte.

Provavelmente, tal fato resulte de fatores experimentados por cada jovem, em proporções particulares, eis que não se pode, aqui, fazer conclusões generalizadas.

Em assim sendo, de se concluir que muitos dos jovens que estiveram em instituições de amparo não apresentam qualquer sintoma voltado a condutas criminosas, e ao contactar a sociedade como um todo, estavam aptos a fazer parte dela, desenvolvendo condições básicas de superação, consistentes em atividade laborativa e família própria, embora possam ter passado por situações críticas.

Por outro lado, há aqueles que embora não tenham passado por sérias dificuldades quando de sua estadia nestes tipos de estabelecimento, e embora tenham recebido todo tipo de sentimento necessário a um desenvolvimento psicológico saudável (melhor até do que muitas crianças que têm um lar e uma família), apresentam uma tendência no sentido de infringir as regras básicas de sobrevivência em sociedade.

Isto pode resultar de quaisquer sentimentos guardados pelo jovem, e que podem inclusive não ter sido adquiridos por ele no estabelecimento de amparo em que viveu.

Ao contrário, pode ser que já fizesse parte dele, desde algum episódio experimentado na família, escola, ou em qualquer outra situação vivenciada, e que lhe trouxe sérias conseqüências.

Seção 8 - RELIGIÃO

O tema a ser focado por ora é de extrema importância, posto que delicado. Isto é assim em virtude de os estudiosos acerca do papel representado por qualquer religião na vida das pessoas afirmarem, de modo unívoco, que ela consubstancia-se num fator de organização social.

Não nos interessa, neste particular, saber se as pessoas que não têm alguma crença, e que não freqüentam templos religiosos são mais propensas a desenvolver um perfil criminológico, voltado à prática de condutas delituosas.

Também é irrelevante discutirmos aqui se as pessoas que seguem uma determinada crença religiosa têm uma tendência reduzida no que tange à prática de delitos.

O que se faz importante para o presente estudo é constatar não o papel das pessoas com relação à religião que seguem, mas sim a existência ou não de influência da religião em si sobre aqueles que a seguem.

Mesmo porque o primordial objetivo do estudo em desenvolvimento é constatar possíveis causas de influência, e que determinem a constituição de um perfil criminológico em adolescentes, e que refere-se aos assuntos até aqui tratados, contrapostos à questão das pequenas cidades.

Pois bem. Voltando ao assunto em testilha, é de se destacar que a existência da religião, desde os tempos mais remotos e nos mais variados tipos de sociedade tem servido sempre, entre outros fins sociais que lhe são inerentes, como importante elemento de coesão e parâmetro de boas condutas.

Ademais, sabe-se que a religião exerce papel fundamental em sociedades pouco desenvolvidas, consistindo na própria função estatal, ou de direção das relações havidas entre seus membros. É o que ocorreu, a título de exemplo, em toda a Europa ocidental, por força da Igreja Católica, em séculos passados.

Não se pode desprezar, porém, o fato de que em virtude da modernidade atual, e do dinamismo que tomou conta da vida das pessoas, e que inclusive estão mais críticas e atentas a tudo o que lhes rodeia, a religião, bem como o papel que ocupa na vida das pessoas, sofreu profundas alterações.

Tal circunstância implicou no seguinte: a forma tradicional de ações religiosas deu lugar a novos mecanismos, intervindo mais no campo da ação social, identificando-se com os vários problemas da sociedade, e colaborando com as respectivas soluções.

Destarte, as instituições religiosas tiveram que se modificar, à fim de que pudessem adaptar-se ao transcurso do tempo, sofrendo assim uma certa desorganização.

Mas a grande questão, e de maior pertinência é: mesmo com tantas modificações, poderia a religião influenciar na formação de um perfil criminológico em alguns jovens?

A resposta leva a duas vertentes. E, por um lado, há opiniões contundentes no sentido de não se admitir esta circunstância.

Asseveram que os postulados religiosos foram evoluindo junto com a sociedade, buscando sempre estar atualizados e relacionados a esta, de modo a permitir (ou ao menos tentar) que pudessem prestar-se a servir de suporte para a solução de vários conflitos que viessem a surgir em decorrência da evolução natural dos tempos.

Entendem, então, que a religião volta-se somente para a prática do bem de todos os que ligam-se a ela, de tal sorte que qualquer influência negativa em sentido contrário restaria completamente desvinculada dos ensinamentos bíblicos.

Todavia, por outro lado, há quem entenda que a religião, de modo geral, pode influir de modo negativo na vida das pessoas.

Defendem que a maioria das pessoas busca fazer parte de algum segmento religioso, em virtude, talvez (e não somente) de alguma dificuldade por elas enfrentada, com o escopo de buscar uma solução para tal problema, ou ao menos vê-lo amenizado.

Assim, de acordo com este pensamento, em algumas ocasiões estas pessoas, tenham elas herdado a crença de seus pais, ou procurado alguma igreja por vontade própria, não conseguiram resolver seus problemas satisfatoriamente. Não porque não tenham fé, claro, mas sim porque a solução dependia de fatores externos que não estavam ao seu alcance.

E, muitas vezes, por “não encontrarem na religião aquilo que buscavam” e devido ao fato de que atualmente a maioria dos problemas que afronta a sociedade é de cunho material, estas pessoas (sejam elas jovens ou não) se julgam abandonadas por Deus, e algumas delas, revoltadas, criam quase que uma justificativa mental, e passam a cometer alguns delitos, para satisfazer suas necessidades, como se este fosse um modo de resolver algo!

Embora este último pensamento não nos pareça de bom grado, há quem o defenda!

Insta salientar também a questão dos crimes bárbaros que são praticados tendo a religião como “desculpa ou motivação”. Estamos falando das condutas criminosas perpetradas pelos fanáticos religiosos.

Várias foram as ocasiões em que o mundo todo chocou-se com notícias vinculadas através da mídia, informando os absurdos praticados por estes fanáticos. As atrocidades, em regram são caracterizadas por extermínios em massa, ou ainda por suicídios coletivos, instigados, em sua maioria, por pessoas que se auto-determinam chefes religiosos, e que defendem a morte como meio de purificação da alma, para encontrar um reino perfeito. Pode-se vislumbrar claramente tais condutas através do islamismo, que prega o terrorismo em nome da religião.

Não restam dúvidas de que nestas circunstâncias a religião apresenta-se como fator determinante na existência desta ideologia delituosa.

E, no mais das vezes, ocorreu de modo absoluto, uma imensa influência da religião na formação deste perfil criminológico.

Destaque-se, por derradeiro, que referida afirmação aparta-se de qualquer observação concernente à capacidade ou à lisura mental destas pessoas. Esta conclusão leva em conta somente duas premissas: a religião e seus seguidores.

CONCLUSÃO

No presente estudo, buscou-se descobrir quais as razões de adolescentes que nascem e crescem em cidades pacatas se tornarem criminosos, e se teria a população desta cidade, representada pela família, escola, amigos e sociedade em si, com seus costumes, comportamentos e ideologias, alguma responsabilidade.

Diante deste cenário, pode-se asseverar que se enfocarmos a análise no aspecto psicológico, torna-se evidente que todo o ciclo vital do ser humano pode interferir e desencadear a delinqüência, uma vez que desde seu nascimento o mesmo possui relações com outras pessoas, que podem modificar sua forma de pensar e agir, o que normalmente poderia não acontecer se não tivesse contato com determinadas pessoas, ou mesmo com certos tipos de situações.

Pode-se presumir que os adolescentes, que têm qualquer tipo de contato com pessoas e situações peculiares, e desde que possuam personalidades e comportamentos desajustados, têm maior tendência à criminalidade, o que depende da contribuição positiva ou negativa dos vários fatores abordados até aqui.

Destarte, conclui-se que a sociedade em que os adolescentes nascem e crescem detém índices de responsabilidade sobre tais fatos, embora para alguns jovens seja mais fácil superar todas as dificuldades que a vida lhes apresenta, e ao invés de tornarem-se pessoas revoltadas, infelizes e criminosas, absorvem as lições tiradas de toda e qualquer circunstância adversa, passando a usar os problemas como forma de superação e estímulo para vencer a cada dia, não deixando-se abater.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Josiane Alexandrelli. **Crimes contra a vida em um município do Estado de São Paulo com aproximadamente 7.000 habitantes.** Monografia do Curso de Direito das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente – 2001.

BARROS, Rosley Sulek Buche. **Resiliência.** Disponível em < <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br>>. Acesso em 17 de julho de 2004.

BITENCOURT, Cezar Roberto. **Crime e sociedade.** 1ª Edição/2ª Tiragem, Juruá Editora, Curitiba/PR, 2000.

CARRARA, Orson Peter. **Resiliência.** Disponível em < <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/orson/resiliencia.html>>. Acesso em 17 de julho de 2004.

D'URSO, Luiz Flávio Borges. **Direito Criminal na Atualidade.** Editora Atlas, São Paulo, 1999.

FERRACUTI, Franco. **Temas de Criminologia.** Vol. I, Editora Resenha Universitária, São Paulo, 1975.

FERRI, Lúcia Maria Gomes Corrêa. **Educação, sociedade e cidadania.** 18ª Edição, Obra publicada pela Universidade do Oeste Paulista, Londrina/PR, 2002.

GOMIDE, Paula. **Menor infrator: o caminho de um novo tempo.** 2ª Edição, Juruá Editora, Curitiba, 2000.

GRUSPUN, Hain. **Violência e resiliência: a criança resiliente na adversidade.** Disponível em < <http://www.cfm.org.br/revista/bio10v1/seccao4.html>>. Acesso em 17 de julho de 2004.

JOUBREL, Henri. **Juventude em Perigo.** Editora Flamboyant, 1961.

JÚNIOR João Farias. **Manual de Criminologia.** 2ª Edição/3ª Tiragem, Juruá Editora, Curitiba/PR, 1996.

LEVISKY, David Léo. **Adolescência e violência: conseqüências da realidade brasileira**. Editora Artes Médicas, São Paulo, 1997.

MARTINS, Elaine. **Resiliência**. Disponível em <http://www.elainemartins.com.br/01_05.asp>. Acesso em 17 de julho de 2004.

PINHEIRO, Débora Patrícia Nemer. **A resiliência em discussão**. Disponível em < <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br>>. Acesso em 17 de julho de 2004.

ROSA, Felipe A. de Miranda. **Patologia social – Uma introdução ao estudo da desorganização social**. Zahar Editores – Rio de Janeiro/R.J., 1996.

TAVARES, José (org.). **Resiliência e educação**. Cortez Editora, São Paulo, 2001.

VARJÃO, Sílvia Arenales. **O papel da sociedade na formação de jovens delinqüentes**. Monografia do Curso de Direito das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente – 2000.

WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Juventude, Violência e Cidadania: os jovens de Brasília**. Cortez Editora – Brasília, 1998.